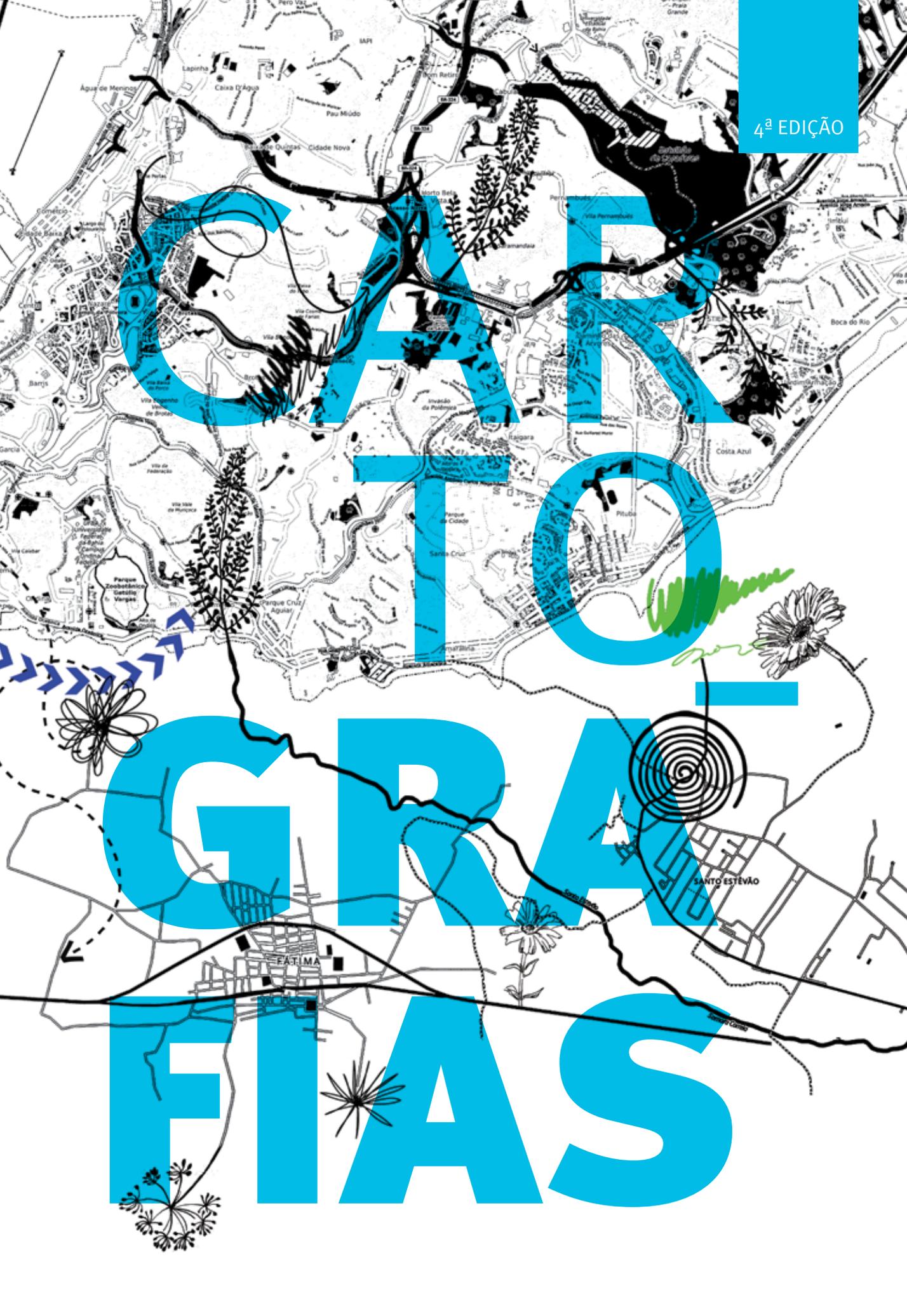


4ª EDIÇÃO

CARTÃO GRATIAS



PALAVRAS EM TRANSLAÇÕES

Essa é a quarta, das quatro publicações do Mapa da Palavra. BA. Última publicação desta primeira edição do projeto e um convite ao deslocamento sobre relevos diversos, a cartoGRAFIA da literatura na Bahia de agora.

Aqui algumas dores, gritos, o frio e o lado de dentro. Uma lacuna, uma coluna, uma ferida; mulheres estéreis; soco no estômago, água fervendo; sangue, carne, boca, umbigo, osso; leito 222; brincadeiras com cicuta, ecos loucos e uma chuva de 10 versos sobre todas as cidades da Bahia.

Aqui, mais uma portajanela aberta. A possibilidade de acesso a diversos mundos literários, dentro da Bahia. Parte da produção literária que existe no Estado, atualmente, e muitas vezes, encontra-se fora das rotas de leitura.

Difundir esta cartoGRAFIA é promover um diálogo estético, espacial; criando relações entre cidades, artistas, formas de criar. É expor entonações e estilos diversos e apostar na troca de experiências e na reflexão.

TRILOGIA

Clarissa Macedo

TEOREMA

Clarissa Macedo

NAUFRÁGIO

Clarissa Macedo

ALMA FAMINTA

Amós Heber

EU

Di Graveto

69

Victor Az

UMBIGOCENTRIA

Victor Az

LOS CAMINOS

Edson Oliveira

FENDAS

Edson Oliveira

IMPOSSIBILIDADE VERMELHA

Lílian Almeida

ENSAIO SOBRE

A MALDADE

Rosana Paulo

ECOS DE UMA LOUCA

Rosana Paulo

CIDADES NUM ESTADO DE CORDEL

Josemário Fernandes

TRILOGIA

Clarissa Macedo

Ontem uma lacuna se abriu
rasgando os meus reinos.

Hoje uma coluna se ergue
na armadilha do meu peito.

Amanhã uma ferida que nunca tive
irá maturar até me quebrar ao meio.

TEOREMA

Clarissa Macedo

A vida é uma mulher estéril
nomeando os filhos
que nunca poderá ter.

NAUFRÁGIO

Clarissa Macedo

A chuva interfere nas ilhas
como quem deita de luz acesa.

(Chove na ilha que troveja)

Perdidos todos os sinais,
o que resta além do espelho

é um velho mapa intranquilo
rubricado na dor – cartografia
do invisível.

ALMA FAMINTA

Amós Heber

Dor? E a senhora pensa que era dor? Não, não era nada disso, não. Não sei o que é isso, não. Eu lembro que quando Ele chegava, a água estava sempre fervendo. Eu gosto de feijão feito na hora. Esse papo de que feijão dormido é bom é conversa para boi dormir. Agora, eu não vou falar das coisas agora, não. Isso, a senhora sabe, me deixa assim, meio nervosa, me dá gastura. Não sei dizer o que é isso, não.

A gente tem um filho pequeno. Foi Ele mesmo que deu o nome. Eu só pari. Hoje, vejo mais, não. O menino chorava muito. Não tinha simpatia nesse mundo que fizesse ele parar de chorar. Acordava, chorava, comia, chorava, brincava, chorava, caía, chorava. Só parava de chorar quando Ele chegava. Ele sumia o dia todo. Quando chegava queria o feijão feito na hora. Aí, o menino parava de chorar. Eu ia pra cozinha. Me metia ali por mais de horas fazendo o feijão desgraçado. Ele brincava com o menino e eu cortava as carnes. A vida era uma desgraça. O feijão tá pronto?

Dona Duda me tirou do emprego. Ana Maria, você chega todo dia atrasada! Eu senti mais porque eu era muito apegada aos meninos. Eu tinha coisa com eles. Que olho é esse? Com meu menino, não. Ivan dormia nos meus peitos. Natasha pedia para eu pentear os cabelos dela. Ele? Ele tava vadio. A obra tinha acabado. Até Ele conseguir outra, era um inferno. Cuidava do menino em casa. Eu criava os da rua. O menino sente falta da mãe dele. O mesmo nome dele. O nome do pai dele. O nome do avô dele. Sei lá, era tanta loucura! O nome do meu sogro... cabra macho, valente. Não passava dia sem pegar na enxada. Ele, parado. Vixe, tristeza. Escondia os detergentes. Quando acabava a cachaça, não ficava nem perfume. Uma desgraça... Meu filho, quando crescer, vai ser igual a mim. Ele queria ser igual ao pai. Igual ao avô... vai honrar o sangue da família. Ele me deu flores. Todo comportado, bem vestido. Pedreiro. Me achou no interior. Pai era caseiro da fazenda. Mãe limpava as coisas. Vou levar sua filha pra capital. Ela casa comigo. Quando o telhado da sede já estava todo montado, a gente saiu de Ituaçu. A miséria começou mais tarde. Lá em Pau da Lima, a casa era grande, bonita. Tinha muita vizinha boa. A gente plantou rosas, graxeias, copo deleite... O menino nasceu. Nós mudamos para o barraco. Levei comigo um buquê. Rosinhas... Alagados. Palafitas. Perdi meu emprego. Um vão só: eu, Ele e o menino. Esgoto, lixo, rato, barata, carcaça de galinha. Fome. A senhora já ouviu a voz do estômago? O menino chorava. Eu sempre gostei de flores. É um grito grosso.

Seu marido passa o dia inteiro no bar? Dona Duda me mandava uma ajuda todo mês. Agora tinha filho pra criar. Comia pouco. Ele bebia quase tudo. Escondia. Embaixo do menino, forro do colchão, lata do leite, dentro do sutiã. Tapa. Murro. Sangue. Puta! Chorei. A vida era uma desgraça... Palavra feia, mulher! Desgraça só chama desgraça. Ela me ajudava muito. Dormia e acordava de olho aberto. Panela, facão, chinelo, tábua,

vassoura, cinto, foice, cipó, urtiga. Deixa eu voltar a trabalhar em sua casa? Sei lá, cada dia era uma coisa mais louca que a outra. Eu posso dormir aqui hoje? Mulher, cadê o meu feijão? Por que você não vai à delegacia das mulheres? Voava tudo. É uma delegacia pra mulher ficar presa? O que estivesse na frente dele... Você vai lá comigo, hoje! Demorando. Mulher feia da desgraça, cadê meu feijão? Falei o quê? Era tanta ameaça. Se não ficar pronto em meia hora... Bebe. Fuma. O dia inteiro. Não. O menino fica com Ele. Já passaram dez minutos. Ele leva pra rua. Só chora quando está comigo. Cheira. Outra? Deve ter. Ela não tem como se defender, mal sabe escrever o próprio nome. Faltam só dez minutos, eu vou cuspir no chão. Vocês precisam fazer alguma coisa, olha esse seio! Eu te falei o que, sua vagabunda? Se eu não fizer? Os vizinhos acordam. Ana Maria, a gente não pode desistir.

Você conhece o amor, Aninha?

Eu gosto de ver nossos meninos brincando juntos.

Qual é mesmo o nome do seu menino?

Tá gostando da nova moradia, Celinha?

Mário disse que até o final do ano a casa no Alto do Cabrito fica pronta. Pelo menos aqui é perto da escola de Maricélia.

Eu sinto saudade de morar no Pau da Lima.

Menina, você é uma cozinheira de mão cheia. Que feijão delicioso.

Lá tinha chão, não era palafita. Eu tinha um jardim no quintal.

Não sei como é que Ele reclama tanto do seu feijão.

Eu tinha menos gastura.

Aninha, conta pra mim, o que está acontecendo?

Setembro era o mês que dava mais flor na fazenda. Mulher, consegui uma obra lá na Barros Reis. As feridas fecharam. O menino não chorou mais. Já tá na hora de botar ele numa creche. Ana, você está mais tranquila, minha filha? Muitas flores. Com o emprego em Dona Duda dava pra comprar a comida. Ele chegava em casa cedo. Pegava o menino na escola. Chegava depois. Ele cozinhava pra mim. Meninico, buchada, mocotó, sarapatel. As carnes eram sempre pesadas. Comida de peão! Dava sustança. É bom, não é bom? Eu apertava as costas dele com as mãos. Bem forte. É, nega, desse jeito a gente vai acabar fazendo outro menino. Levamos o menino para ver o desfile de 7 de setembro. Ele me deu de aniversário um perfume de rosas. Ana Maria, como você deixou isso acontecer? A gente dançou seresta. Grávida de três meses, de um homem desse? Dormimos juntos. Você perdeu o juízo. Como marido e mulher. Em dezembro, a obra acabou.

Já tava meio buchadinha. O menino voltou a chorar. Ele também chorava. Agora era Ele e o menino. Muito choro. Não consigo nada, mulher! A culpa é sua, só pode ser coisa sua... você é uma desgraçada. Jarro de cristal. Presente de Dona Duda. Quadro da parede. Foto de pai e mãe. Televisão. Comprei no crediário. Banco do menino. Um vizinho marceneiro... madeira de lei. Meus dois dentes da frente. Desgraçada. Muito sangue, vixe. Toma cuidado, mulher feia, vai entrar passarinho nessa janelinha. Tremedeira nas pernas. Feia, feia, feia, feia, feia, feia, feia, feia. A mão na barriga. Garrafa de aguardente. Tava tudo no chão. “Eu venho lá do sertão/Eu venho lá do sertão/E posso não te agradar”. Menino dormindo. Levanta daí. Sangue nas pernas. Tô mandando, Mulher. Sangue no chão. Levanta, porra! Menino dormindo. Mão puxando cabelo. Fica de pé,

me obedece. Soco no estômago. Sua puta! Menino morto. Desgraçada. A vida era uma desgraça...

Eduarda de Carvalho. Ivan e Natasha brincavam com a janelinha. Ela é uma pobre indefesa. Eles riam, pegavam, metiam o dedinho, riam. Não é possível que vocês não façam nada para ajudá-la. Eu gostava. Eles tinham um negócio por mim. Vocês estão esperando que uma tragédia aconteça? Eu tinha um negócio por eles. Eu temo, temo muito pela vida dessa pobre coitada. A gente brincava o dia todo. Isso é uma Delegacia da Mulher? Eu sempre perdia o ônibus de volta. Meu senhor, ela não consegue falar, entenda! Chegava mais tarde em casa. O senhor não tem avó, mãe, mulher, filha? Ia andando bem devagarzinho. Um desnaturado! Era muito puxado fazer feijão de noite. Todos vocês, filhos de chocadeira. Sei lá, queria tomar um banho, comer alguma coisa e dormir. Escolhe Ana Maria! Pegava muito cedo em Dona Duda. Ou Ele ou seu emprego. Mas era uma alegria trabalhar em Dona Duda. Os meninos vão crescer vendo isso? Cozinhas, lavava, cuidava de Ivan e Natasha, comia na mesa deles, via televisão com eles. Quem sabe, sem o seu dinheiro, Ele não para de beber? Ivan chorava quando eu saía. Conta comigo, Ana Maria. Natasha mandava Ivan parar de chorar. Ela volta amanhã. A minha casa é a sua casa. Passei o outro dia em casa.

Eu, Ele e o menino. As carnes estavam cortadas. Sabe o que eu descobri hoje cedo? Os temperos separados. Que você é uma desgraça! Tinha até legumes. O menino chorava. Uma sobra de mocotó. Uma desgraça! Celinha quem deu. Ouviu? Uma desgraça! Ele foi pra sala. O Choro do menino parou. Passou pra mim. A carne salpicando no óleo. Os olhos cheios de lágrimas. Vai demorar hoje de novo? Muita agonia. Mulher, esquenta uma água pra mim. Domingo, se não me engano. Tinha futebol na televisão. Queria tanto tomar uma cerveja. Gol! Mas Ele bebia tudo. Mulher, tá esquentando a água? Era bom, podia aliviar. Muita agonia. Gostava de ficar agoniada não. Mulher, cadê o feijão? Podia fazer besteira. Sei lá. Vou comer primeiro, chama o menino. Tinha fome. Não, desgraça, sai daqui. Muita fome. Vai comer o resto. Saco vazio não fica em pé, não é? O que eu e o meu filho deixar... sai! Ainda tava passando o jogo. Esqueci a água no fogão. Tomei um gole de aguardente dele. Queria uma cerveja. Outro gole. Ele comia feito um animal. Outro gole. Ouvia os ossos quebrando nos dentes dele. Queria um pedaço de carne. Outro gole. O mocotó de Celinha tava com uma cara boa... Outro gole. Tô cheio! Outro gole. Vou dormir. Comi um pedaço de carne. Come tudo não, ouviu, desgraça? Ele acabou com o mocotó. Tinha carne. Queria tanto o mocotó de Celinha. A água ferveu. A senhora sabe fazer mocotó? O menino dormiu. Pata, osso... Desliguei a televisão. Gosto do tutano. A água ainda estava fervendo. Aquela gordura que fica no osso. Queria tanto fazer um mocotó. Ele roncava. Tomei mais aguardente. Ele dormia de barriga pra cima. Pra matar aquela fome só um mocotó. A água ferveu na cama. Pata, osso, tutano. Os vizinhos acordaram com os gritos. Já gosto de um mocotó. Polícia? Gritaria... É pena a comida daqui ser tão ruim. Fiquei na casa de Celinha. Elas não têm gosto em cozinhar, não. Depois vim parar aqui. Pra cozinhar, tem que ter gosto.

A gente brinca. Conversa. Fala da vida da outra. Tem de tudo. A senhora acha que vai conseguir? O olho? Me tirar daqui? Guardei. Dessa vez vai, não é? Presente, lembrança dele. Dor? Tenho que voltar para a cela. E a senhora acha que aquilo era dor? A senhora vai conseguir. Aquilo era mais uma das travessuras dele. Deus está do meu lado. Dor era o que eu sentia. Morreu ontem? Dor era o que eu sentia. Ele não está mais vivo. A vida não é mais uma desgraça. Ana Maria dos Santos Silva. Cela 9, pavilhão A. Dor?

EU

Di Graveto

Eu nasci do lado de lá
 Onde a corda sempre arrebenta
 Onde a voz é sempre calada.
 Eu nasci do lado de lá
 Onde a cor da pele segrega
 E o gostar ofende e estraga
 Não pedi para ser negra.
 Nem gostar de ser menino
 Mas eu gosto de ser negro
 De me vestir como menina
 Eu nasci pra gerar lucro
 E morrer pelas calçadas
 Deixado no chão como lixo.
 Um resto, um animal bruto
 Arma na cabeça, braços na parede!
 Abre bem as pernas, não adianta chorar!
 O pau come, o choro queima
 Ninguém liga, “você quem pediu”
 Eu não pedi pra ser morto!
 Pra ser estuprada na rua!
 Não pedi pra ser espancado
 “Mas ela tava quase nua”
 Sangue lava as calçadas
 Dor, preconceito e desrespeito
 Eu não pedi para ser morto
 Sem nem ter vivido direito.
 Nem sei quem vai me matar
 De onde virá a bala?
 Quem vai gritar “pega”
 Esse corpo do chão?
 Essa violência na mão.
 Não, eu não pedi pra morrer
 Tava só tentando viver.

69

Victor Az

m i n h a c a r n e e m m i n h a b o c a
t u a b o c a e n t a r n e e m m i n h a b o c a

LOS CAMINOS

Edson Oliveira

El sol apunta a lo lejos
la dirección del abismo
no hay jardines para disfrazar
la locura
y los pies,
- estas brújulas rotas
hormigas heridas
que ya no saben volver
que no reconocen la hoja
ni el verde de las noches muertas –
necesitan seguir.
La casa se ha vuelto
en un castillo de espejos
hay girasoles y puertas
para cualquier sitio
donde miren los ojos.
Los ladrillos, las carreteras
y el corazón
apuntan los caminos
hacia la frontera.
Ahora la casa
es la estrella desnuda
que enciende el desespero

FENDAS

Edson Oliveira

Eu não sou eu
eu sou o outro
o ouro que entristece os dentes
eu sou um sopro
A faca que vomita
as tripas
eu sou um gozo
o ar
a voz
o osso.
Categoria:
Poesia

IMPOSSIBILIDADE VERMELHA

Lílian Almeida

O táxi a deixou na porta do hospital. Bom dia, tenho cirurgia marcada com Dr^a Joana. Ela disse que eu precisava me internar antes. Dê-me os seus documentos, senhora. Vou verificar. Está tudo certo. A senhora pode assinar aqui e aguardar. Vou chamar uma funcionária para lhe acompanhar.

Ela olhava para todo aquele ambiente. Televisor, cadeiras, jornais e revistas, pessoas. Ali qualquer um podia estar dizendo adeus, como ela estava. Qual seria a enfermidade delas? Teriam cura? Iam precisar mutilar uma parte de seus corpos? A televisão não a entretinha. A apresentadora estampava uma felicidade opaca que se desprendia das rugas esticadas e do pescoço flácido.

Bom dia, senhora, tudo bem? Por favor, me acompanhe. Anham. Tudo bem? Sei não. Andava pelos corredores assépticos do hospital. Não, não estava tudo bem. Mas quem realmente queria saber se estava ou não tudo bem? As paredes brancas confirmavam aquele interesse insípido pelo bem estar dela. Começava a achar que o branco era a cor da morte, uma corzinha que não despertava qualquer impulso. Os hospitais e a mania de pintar tudo de branco, não podiam colocar um verde, um azul, um amarelo? Assim a gente ia pra faca colhendo um ar de esperança pelos corredores. Mas não, tudo era branco alvíssimo.

Essa é a enfermaria. Seu leito será o 222. A senhora poderá deixar os seus pertences nesse armário aqui. Deve tomar um banho e vestir essa roupa. Está usando esmaltes? Sim, estou. Vou trazer um removedor, é necessário tirar todo o esmalte das unhas. Peço também que guarde todos os acessórios que estiver usando, brincos, anéis, relógio, tudo. A partir de agora a senhora começa a preparação para a cirurgia, sua alimentação estará sob controle e depois do meio-dia até a hora da operação tomará apenas líquido. Ela escutava todas as instruções. Lembrava-se da infância quando os vaqueiros tocavam os bois da fazenda do avô para o abate. Certa feita, de fora do curral, olhou nos olhos de um que fora escolhido para deixar o grupo. Os olhos úmidos e negros do boi sabiam que era o fim. Sentia-se aquele boi. Seus olhos negros e marejados anunciavam o fim de algo.

Desde o resultado dos exames até o dia da cirurgia sua cabeça entrou em parafuso. Rodava e rodava no sem sentido de anos e anos de vida. Viu-se estilhaçada com o diagnóstico da ginecologista. Não tem outro jeito, vamos precisar retirar o seu útero. As altas doses de hormônio do seu anticoncepcional alimentaram o mioma e os quatro anos sem os exames de rotina permitiram que ele crescesse livremente. Infelizmente não temos outra solução. Ele tomou completamente o seu útero, gerando inclusive as

dores que você sente. Toda uma vida cortada pela voz suave da médica. Desde aquele dia até ali pedaços de sua vida vinham à tona com as mais corriqueiras situações. O beijo de um casal no metrô dizia-lhe que perdera as oportunidades de ter um filho com os namorados que teve. Uma grávida na rua ou uma mulher com criança de colo sangravam a ferida que seria no dia da cirurgia. A mãe dramatizava a preocupação com ela e com as irmãs cortando-lhe o ventre: quando vocês forem mães vão saber o que eu passo de sofrimento. Ela nunca ia poder gerar filhos.

Tomou banho e deitou-se na cama de ferro. Outras mulheres também dividiam a enfermaria. Trocou umas poucas palavras com as companheiras de hospital. Sim, ia fazer uma histerectomia. Retirar o útero. Retirar-se de dentro. A cirurgia não podia esperar uma esperança. Fez todos os exames em dez dias. Dez dias pelo avesso dela mesma. Aprendeu com a mãe a não deixar para amanhã o que podia ser feito hoje. Mas você ficou quatro anos sem ir à ginecologista! É, não apliquei a tudo o que minha mãe ensinou. Fechou os olhos e virou-se de lado saindo da conversa. As mulheres continuavam a dizer o que fizeram ou o que iam fazer dentro daquele mundo em branco.

Mas por quê? Por que cargas d'água não aprendi direito o que minha mãe ensinou? As mães sempre têm razão. Nunca ia ouvir isso de um filho seu. Nunca ia passar o ensinamento da mãe pra um filho seu. A mãe sempre dizia: primeiro a obrigação, depois a diversão. Ela aprendeu direitinho. Era uma excelente profissional. Profissionalíssima! Tão boa funcionária que sempre cobria as folgas e férias dos colegas. Quando tirou férias? Uma semana a cada ano, três anos de férias vencidas.

As vozes cruzam-se na enfermaria. Algumas retiraram miomas e preservaram o útero, outras retiraram o útero, uma retirou mioma, útero, trompas e ovários, outra fez laqueadura, não queria mais filhos. Algumas já eram mães, outras ainda não. Ela nunca seria. As auxiliares entram e saem de tempos em tempos. Deixam ao lado de cada cama o que é necessário.

Ela vira-se no colchão, entre a cama do hospital e além. A mãe, as irmãs, a mulher que ela foi até ali. Um silêncio letárgico. As paredes e o teto são de um branco gritante. Instrumentos metálicos tilintam próximo à mesa de cirurgia. Alguém fala os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea. Uma voz afirma: vamos começar. Um risco fino e gelado atravessa-lhe o ventre. As adiposidades cedem, camada a camada, à lamina. O tecido desfalece pros lados revelando películas e membranas. O sangue irrompe. Uma mão enxuga em branco o vermelho escorrido. O bisturi persegue, determinado, o alvo. Dedos enluvados desobstruem caminhos. A barriga vira e revira aos movimentos dos dedos e mãos. Um líquido quente molha a pele. A mão invade a cavidade e procura. A cabeça em curvatura aparece. Gancho e concha, a mão segura e puxa. Segura e puxa e desprende. Um choro vermelho atravessa o instante com placenta e cordão. Senhora, acorde. Está na hora da cirurgia.

Olha a brancura implacável da enfermaria. Uma lágrima pendura-se na borda do olho. Engoliu a seco a impossibilidade vermelha que rasgava garganta e ventre.

ENSAIO SOBRE A MALDADE

Rosana Paulo

Quem tem veneno e peçonha,
é cobra, escorpião e aranha
tudo bicho ruim
Se eu fosse você
ficava longe de mim
Jamais gostei das mocinhas
tão certinhas, direitinhas
tão santinhas do pau oco
Torcia pela vilã
ardilosa e malsã
Eu brindo com cicuta,
arsênico e cianureto
A cor que prefiro é preto!
Queria de Saramago
que da literatura é mago
um ensaio sobre a maldade
Os loucos, estes me atraem
entediam-me os normais
Quero a mulher imoral
o cafajeste amoral
o Boca do Inferno poeta
Eu sou aquela rosa
perigosa e maldosa
de espinhos venenosos
que mima um gato negro,
acolhe uma rameira,
ama um malandro
sem eira nem beira.
Mas, me diz, qual o teu medo?
Que eu me transforme em espelho?
Feiticeira tem segredos
poções mágicas, quebrantos e bruxarias.
Oh! Anjinho faz assim:
Te protege com a distância
Eu, se fosse você
ficava longe de mim.

ECOS DE UMA LOUCA

Rosana Paulo

Perdi a calma
Alma... Alma...
Alma presa ao trauma
Alma...Alma...
Alma triste
Riste...Riste...
Riste tu
Com o dedo
em riste
feriste-me com ardor
Dor...Dor...
Dor! E o grito
Rito...Rito...
Rito de passagem
O grito
ninguém ouviu
Ou viu...Ou viu...
Viu?...Viu?...
Ninguém viu
o absurdo
Surdo...Surdo...
Baque surdo
Meu corpo tremeu
Meu...Meu...
Eu...Eu...
Eu louca
Oca...Oca...
Oca por dentro
sem amar
Mar...Mar...
Mar de lágrimas
Rimas...Rimas...
Rimas soltas
Ouvido mouco
Oco...Oco...
Olho cego
Ego...Ego...
Ego louco!
Gritando rouca
Oca...Oca...
Louca!

CIDADES NUM ESTADO DE CORDEL

Josemário Fernandes

1

Vou voar pela América Dourada
E Andaraí por toda a Bahia
Andorinha cantando poesia
A contemplar Anguera enluarada
Aurelino Leal na madrugada
No alvorecer da nobre Almadina
Água Fria refresca Ajustina
Amélia Rodrigues luminosa
Aporá doce encanto, Amargosa
Doçura de cidade tão menina.

2

Antônio Gonçalves trovador
Angical não esquece teu poema
Nem o soneto para Apuarema
Feito num ato pleno de esplendor
Aiquara em ciúmes de amor
Fez poeta, Antônio Cardoso
Araçás, no entanto, tão formoso
Fonzim pra Anagé se declarou
Por Abaíra se enamorou
Tornando-se um vate majestoso.

3

Arataca ataca de saudade
O coração do filho deste chão
Antas fosse somente emoção
Ou Araci suspirando vaidade
Aratuípe de felicidade
Bem te quer Abaré bem adornada
Alagoinhas toda enfeitada
Aracatu até em Alcobaça
Em Aramari gente pela praça
Acajutiba, terra bem amada.

4
 Belo Campo do mais lindo jardim
 Do Belmonte eu vejo tão Bonito
 Boa Nova que nunca vi escrito
 Naquela Boa Vista do Tupim
 Os Brejões a cheirar puro jasmim
 O Bom Jesus da Lapa em procissão
 Saiu em romaria pisando o chão
 No Barro Preto em toda cidade
 Abençoando de prosperidade
 Essa terra de gente de brasão.

5
 Livrai-nos, ó meu Bom Jesus da Serra!
 De toda peste que nos leva ao mal
 Proteja Baixa Grande e Boninal
 Barrocas, Barro Alto, essa terra
 Defenda Banzaê da dor da guerra
 Brotas de Macaúbas e Brumado
 Que de paz seja nosso o Estado
 Não permita que em nada esbarra
 O brilho de Barreiras e de Barra
 E que o progresso seja restaurado.

6
 E de tão lindas elas nos inspira
 Barra do Choça, quem por ti cativa?
 Baianópolis, Barra da Estiva?
 Biritinga em moldes de safira
 Reluz Buerarema e Boquirá
 Brejolândia e Buritirama
 Botuporã também quer ter a fama
 Que resplandece em todo Brasil
 Barra do Mendes no céu de abril
 Barra do Rocha que por ti proclama.

7
 Castro Alves o Conde trovador.
 Em Cachoeira de mil Caravelas
 São cenários plenos de novelas
 Campo Formoso de Deus Criador
 Correntina lugar encantador
 Na minha Casa Nova vou morar
 Entre Canavieiras vou plantar
 Capim Grosso, Cipó, Cocos, melão
 Canudos até mesmo Cansanção
 Depois a Cruz das Almas, ofertar.



CLARISSA MACEDO

Clarissa Macedo, Salvador (BA), é licenciada em Letras Vernáculas, mestra em Literatura e doutoranda em Literatura e Cultura; é escritora, revisora, professora e pesquisadora, com diversos projetos em andamento, como a tradução de poetas (espanhol/português – português/espanhol). Apresenta-se em eventos pelo Brasil e fora do país (Colômbia, Peru, Cuba), com convites para mais de 18 países. Está presente em mais de doze coletâneas, além de diversos blogues, revistas (como a Machado de Assis) e sites. É autora de *O trem vermelho que partiu das cinzas* e de *Na pata do cavalo há sete abismos* (7Letras – Prêmio Nacional da Academia de Letras da Bahia – 2014), ambos de poesia. Sua obra está traduzida para o espanhol e em processo de tradução para o inglês.

foto: Ingridy Lima

Amós Heber é escritor, ator e cantor. Participou do ciclo de cursos *Escritas em Trânsito* da FUNCEB, nos anos de 2013 e 2014, no qual foi aluno de Noemi Jaffe, Luiz Antonio de Assis Brasil, José Luis Passos, Leonardo Villa Forte e Joca Reiners Terron. Foi premiado em terceiro lugar na categoria conto no I concurso do servidor público estadual, Bahia, com o conto *Alma Faminta*. Lançou, em 2015, o seu primeiro livro autoral denominado *Furúnculos*, fruto do edital do Setorial de Literatura, em 2014. Foi premiado com uma bolsa de criação literária da Fundação Biblioteca Nacional, atual DLLL B do Ministério da Cultura, em 2014. Com essa, está desenvolvendo o seu segundo livro autoral intitulado *Sinal Fechado*, voltado para casos de violência urbana e doméstica no Brasil.

foto: Andrea Magnoni



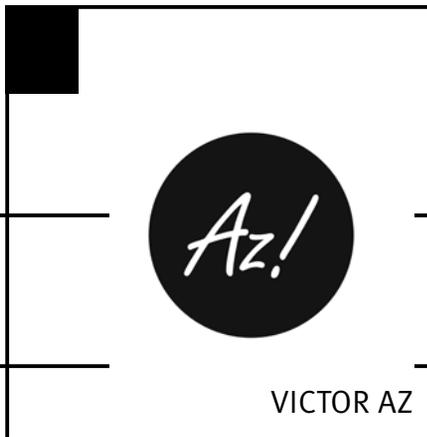
AMÓS HEBER

Diego Oliveira dos Santos, nascido em 1992, na Cidade de Cícero Dantas, na Bahia, cresceu e teve sua formação educacional toda em escola pública na cidade de Fátima também na Bahia. Começou sua vida artística quando no último ano do ensino médio participou de um evento promovido pela Secretaria de Educação da Bahia chamado *Tempos de Artes Literárias* como o poema “último dia dos dias” que lhe conferiu primeiro lugar, na etapa municipal, e segundo, na etapa regional. Ingressou dois anos depois na Universidade Federal de Sergipe onde é graduando em Letras vernáculas.

foto: Diego Oliveira dos Santos



DI GRAVETO



Victor Az é engenheiro, poeta e escritor; começou a escrever em 2002, tem trabalhos publicados em blogs, sites, revistas literárias, exposições de poesias visuais e livros didáticos.

Edson Oliveira é graduado em Licenciatura em Letras com Língua Espanhola pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2006). Especialista em Estudos Literários (2008) e Mestre em Literatura e Diversidade Cultural também (2010) pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é aluno regular do curso de Doutorado em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Participou da coletânea *Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI* (Escrituras, 2011), da 10ª Bienal do Livro e da Bahia (2011). É Professor Assistente de Língua Espanhola e Literaturas em Língua Espanhola da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

foto: Acervo pessoal



EDSON OLIVEIRA



LÍLIAN ALMEIDA

Baiana, de Salvador, Lílian Almeida é Professora na Universidade do Estado da Bahia e doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem artigos impressos em jornais, revistas e livros e em veículos digitais. Publicou o livro *Todas as cartas de amor* (Quarteto, 2014, contos). Participa do livro *Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusas* (publicação independente do coletivo de mulheres Louva Deusas; 2015). Ministra cursos e palestras sobre a literatura brasileira contemporânea, com especial destaque para a produção baiana e de autoria feminina.

foto: Pricilla Andrade



ROSANA PAULO

Rosana Paulo é poeta e contadora de histórias. Além de escrever, recita poemas autorais e de outros poetas. Participa de saraus poéticos, eventos de arte educação e palhaçaria em escolas, entidades assistenciais e culturais, bibliotecas e livrarias. Nasceu e reside em Salvador/BA. Iniciou suas incursões no mundo das letras em 2004, como contadora de história. Logo depois começou a escrever poesia. Integra as instituições culturais CEPA (Círculo de Estudo Pensamento e Ação), o Projeto Fala Escritor, o Projeto Oficina de História Cantada da Reciclagem com Poesia, Música e Arte e a Confraria de Poetas e Artistas Pela Paz (CAPPAZ).

foto: Ivan de Almeida

Josemário Fernandes é poeta, cordelista e compositor. Nasceu aos 23 de Fevereiro de 1982, no povoado de Ilha Grande, cidade de Ibotirama, oeste da Bahia, às margens do Rio São Francisco. É autor de poesias em seus diversos estilos e compositor. Livros publicados: Versos Entre Rimas de Cordel, e Sonemas de Rio Mar.

foto: Edilson Lima



JOSEMÁRIO FERNANDES

FICHA TÉCNICA DO MAPA DA PALAVRA

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa dos Santos

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT/BA)

Jorge Portugal

Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB)

Fernanda Maria Coelho da Costa Tourinho

Diretoria das Artes da FUNCEB

Maria Iris da Silveira

Equipe da DIRART da FUNCEB

**Gabriela Harrison, Ernanda Peres, Manuela Veloso,
Marília Silva de Moura e Naiara Vieira**

Coordenação de Literatura da FUNCEB

Karina Rabinovitz

Assessor da Coordenação de Literatura da FUNCEB

Ramon Arend Paranhos

Equipe da Coordenação de Literatura da FUNCEB

**Iolanda Viana Lago, Irla Vanessa Andrade Mota e Urania
Miranda Ferreira**

Assessoria de Comunicação da FUNCEB

Claudia Pedreira

Comissão de seleção do Edital Mapa da Palavra.BA

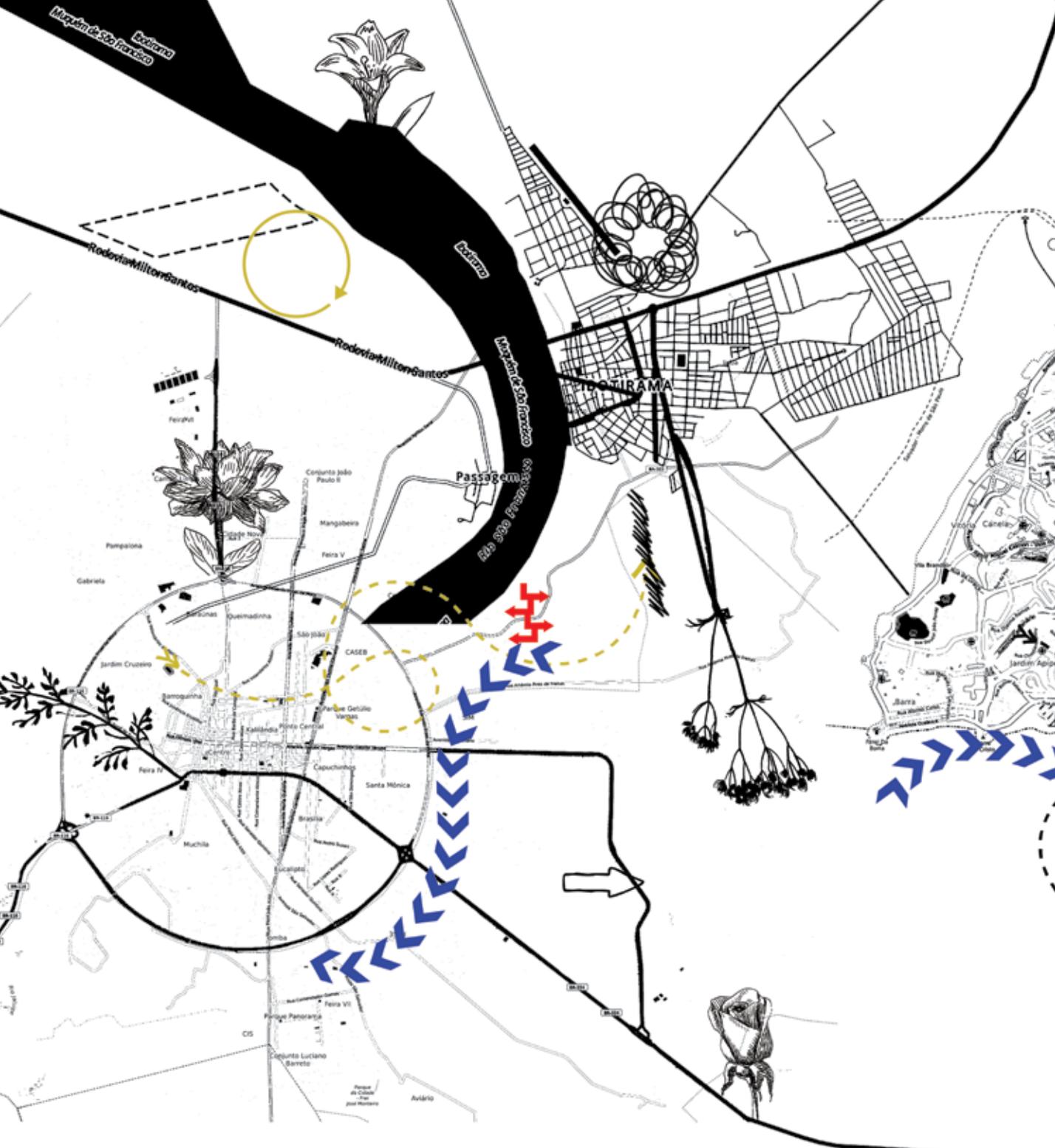
**Ana Lúcia Silva Souza, Antonio Carlos de Oliveira Barreto,
Cide Piquet Barreira Junior, Ivana Teixeira Figueiredo
Gund e Karina Rabinovitz**

Revisão

Ramon Arend Paranhos

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Nila Carneiro



MAPA DA **BA**
PALAVRA



SECRETARIA DE
CULTURA



www.mapadapalavra.ba.gov.br